



Arquitetura e Urbanismo • UniEVANGÉLICA

Além da Escala

Cadernos de TC 2017-1

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Maryana de Souza Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Simone Buiati, E. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Maryana de Souza Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Maquete

Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e História

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Anderson Ferreira da Silva Jorge, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Madalena Bezerra de Souza, e. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Secretária do Curso

Edima Campos Ribeiro de Oliveira

(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da quarta coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2017/1, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: **LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO**. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo, quanto ao produto final. A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: *Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete*.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Alexandre Ribeiro Gonçalves
Maryana de Souza Pinto
Pedro Henrique Máximo

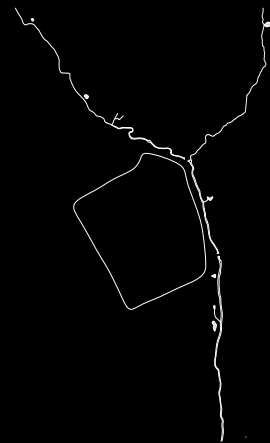
Os Parques Urbanos enquanto espaços públicos nos levam a refletir sobre seus limites, possibilidades e qualidades ambientais naturais. A proposta de intervenção no Parque da Matinha, busca compreender o parque como elemento estratégico para o projeto, tornando-o uma extensão do tecido da cidade, incorporando toda a massa vegetativa do entorno e o córrego à nova escala do Parque, perdendo então a característica de barreira física e incentivando o usuário a vivenciar um espaço público de qualidade. O programa é estruturado a partir da nova escala do parque, de forma estratégica e articulado às relações urbanas e coletivas.

Além da Escala: Intervenção no Parque da Matinha



Richara Moreira Vitória

Orientador: Msc Pedro Henrique Máximo



Aproximações

Notas

[1] MACEDO, Silvio Soares. Quadro do Paisagismo no Brasil. São Paulo: Gráfica Pancron, 1999.




Mapa de Localização e Inserção Regional
Fonte: Plano Diretor de Anápolis-2011- intervenção da Autora

[f.1]. Imagem aérea da Área de Intervenção- Parque Antonio Marmo Canedo.
Fonte: José Carlos Potenciano.

[f.1]

Richara Moreira Vifória



Há algumas décadas as questões ligadas ao meio ambiente não eram delineadas junto ao crescimento urbano, preservação e qualidade de vida, o 'verde' era apenas uma questão estética e de lazer, no entanto, foi tomando grandes proporções e a partir de institucionalizada, as questões ambientais passaram a ser tratadas vinculadas à constante evolução do espaço urbano.

O Parque Urbano enquanto espaço público, de acontecimentos, de interação, do convívio e da permeabilidade, afirmou-se como produto da cidade a partir do século XIX, deixando as características insalubres e o adensamento desordenado das cidades desse período. Macedo (1999) justifica essa mudança na cidade, pela “necessidade de dotá-las de espaços adequados para atender uma nova demanda social: o lazer, o tempo do ócio e para contrapor-se ao ambiente urbano”[1].

Tudo é muito dinâmico e efêmero, percebo isso hoje, ao abordar um tema e ter como objeto de estudo, o parque que me atraía nos finais de semana ociosos na casa dos meus avós, os quais saíam eu e meus primos para nos divertirmos no Parque da Matinha, comer pipoca colorida, correr pelos caminhos escorregadios, “provocar” as crianças do grupo de escoteiros e brincar no carrinho bate-bate.

Acredito que a qualidade de vida de uma cidade está associada à vida coletiva, a dimensão dada a isso se releva na escolha do tema. O Parque da Matinha pode ser uma maneira de expressar como o espaço público disposto de forma democrática consegue resgatar os valores simbólicos e funcionais inerentes a sua história. É como se ele se transformasse num elo entre cidade, meio ambiente e indivíduo.

Uma das estratégias para equacionar as questões inerentes a sociedade contemporânea na escala da cidade, é o Parque Urbano. Os parques desempenham um importante papel para a sociedade, pois qualificam a paisagem, são conformadores de território, promovem a realização de atividades cotidianas e são fundamentais para o exercício da cidadania e das relações interpessoais. Requalificar o Parque da Matinha significa resgatar a memória do lugar por meio de processos de intervenção pertinentes, gerando caminhos permeáveis e desimpedidos que conectam com o entorno, garantindo a mobilidade urbana e a infra-estrutura do espaço público.

NOTAS:

[2] GEHL, Jan. Cidade
P a r a
Pessoas. 2. ed. São
Paulo: Perspectiva,
2013

A relação com o Parque da Matinha é proximal, e convivendo cotidianamente com a realidade do lugar, percebi que apesar de ter passado por uma questionável revitalização em 2010, o parque permanece totalmente cercado por grades, num espaço delimitado que não dialoga com o bairro nem com a cidade. Em todo o percurso do parque existem espaços obsoletos, uso marginalizado e manutenção precária dos mobiliários e equipamentos, evidenciando que o lugar deixou de desempenhar o papel de elemento integrador enquanto espaço público.

Essas intervenções são necessárias e se justificam vistas as potencialidades do lugar como a grande área de verde e o córrego que passa ao fundo do parque não terem sido totalmente exploradas, e pela necessidade de resgatar e inserir novas atividades, de perceber o parque como um lugar de encontro e realização de atividades sociais, de contemplação, um lugar de interação entre a vida na cidade e a qualidade do espaço urbano.

De acordo com Gehl (2013), atividades sociais exigem a presença de outras pessoas e incluem todas as formas de comunicação entre elas e o espaço público. Se há vida e atividade no espaço urbano, então também existem muitas trocas sociais. Se o espaço da cidade for desolado e vazio, nada acontece".[2]

O Parque Antônio Marmo Canedo, conhecido como Parque da Criança ou Parque da Matinha, inserido no tecido urbano de Anápolis, cidade pertencente ao Centro-Oeste do Brasil, Estado de Goiás, está localizado no Bairro Maracanã, um bairro com características urbanas consolidadas e próximo ao centro da cidade. Essa intervenção tem o objetivo resgatar a qualidade de vida que os espaços públicos representam para cidade, visto que Anápolis dispõe de poucas opções de lazer, de espaços públicos e de equipamentos e mobiliários urbanos adequados, deste modo, o objeto de estudo, por meio da leitura do lugar e do entorno, será alvo da proposta de intervenção, integrando as questões urbanas, ambientais e sociais.

Hoje o Parque da Matinha representa uma realidade de descaso e abandono, e mesmo se mantendo ao longo do tempo na estrutura urbana, foi perdendo seu caráter social, ambiental e cultural, devido

à baixa qualidade urbana da região, da escassez de diversidade de usos no entorno, da falta de manutenção do parque, da ausência de políticas públicas de preservação dos recursos naturais e da falta de consciência de conservação dos usuários e da comunidade. A questão não foi apenas levantar esses dados, o diagnóstico, visto pela metodologia clássica de projeto como uma etapa separada, é para a escala urbana o próprio projeto, já que nesse processo muitas decisões projetuais são tomadas sem se dissociar da compreensão das dinâmicas do lugar e da relação com as pessoas, afim de que o projeto final reflita às necessidades e anseios dos usuários.

A problemática em torno do Parque da Matinha diz respeito a revitalização de 2010, que não resolveu os problemas preexistentes e levantou questões relacionadas a que tipo de estratégias e como esse parque pode atingir, por meio de uma morfologia, as questões contemporâneas da cidade? Como que a morfologia conseguiria por meio do projeto urbanístico e arquitetônico, solucionar o problema do mau uso, do desenho ultrapassado, da falta de integração numa proposta contemporânea mais abrangente? Para responder as indagações, propostas de projeto que conciliem os aspectos histórico, ambiental e cultural serão elaboradas, promovendo a valorização do espaço público e o resgate da vida urbana para o lugar.

A proposta de trabalho seguiu direcionamentos que logo na primeira parte abordam a discussão teórica do tema, com foco nos conceitos de espaços livres e públicos trazidos por Alex (2001) e Macedo (2010), a influência das apropriações das pessoas nesses espaços, os Parques Urbanos e suas metamorfoses, o Parque da Matinha, e o embasamento legal para execução de uma intervenção nessa área. A segunda parte é a do entendimento do lugar e seu diagnóstico, onde são esboçadas algumas metodologias adotadas e ressaltando a problemática levantada, que englobam a dimensão do parque e sua restrição em expandir limites, a violência, e a falta de infraestrutura urbana. E por fim a proposta de projeto, que visa integrar as partes no seu novo limite, abrir o parque, expandir a escala de alcance, gerar novos usos e promover a coletividade.

Além da Escala, nome dado a essa proposta de intervenção no Parque da Matinha, busca estabelecer uma nova relação entre o espaço físico consolidado, a paisagem urbana local e o ambiente natural. Para tanto, as intervenções terão um alcance que ultrapassa a barreira que hoje o parque representa, atendendo as escalas:



Local: ampliando o programa e os equipamentos internos, atraindo usuários para permanência no parque.



Bairro: através da conexão dos usos em torno do lugar, por meio de acessos que levam até o objeto e estimulam a população local a percorrer o trajeto que leva ao parque e dos equipamentos de contemplação e convivência.



Cidade: Ampliação do perímetro do parque com uma nova percepção do espaço público, com diversidade de uso, se tornando referência para a cidade.

1. Espaços Livres e Paisagem

O espaço público na cidade assume inúmeras formas e tamanhos, compreendendo desde uma calçada até a paisagem vista da janela. Ele também abrange lugares designados ou projetados para uso cotidiano, cujas formas mais conhecidas são as ruas, as praças e os parques. A palavra “público” indica que os locais que concretizam esse espaço são abertos e acessíveis, sem exceção, a todas as pessoas (Alex, 2001).

Os espaços livres públicos proporcionam possibilidades de vivências individuais e coletivas ajudando a caracterizar o território. São direcionadores na construção da paisagem da cidade. O poder público é o principal agente condicionador formador dos espaços livres, tanto para os públicos como privados, suas ações acontecem por intermédio da implantação das legislações como também na produção e gestão de espaços públicos urbanos (MACEDO, 2010).

A apropriação do espaço pelas pessoas, transmite ao lugar as características de cada um e constroem uma identidade do lugar, gerando no usuário o sentimento de posse que o motiva a preservar os espaços públicos.

Os conceitos sobre paisagem se intensificaram por sua relação com o meio urbano, associado às características do lugar onde estão inseridos espaços construído e espaços livres. Paisagem urbana para Cullen é “um conceito que exprime a arte de tornar coerente e organizado visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o espaço urbano (CULLEN, G., 2010).

A abordagem de Lynch sobre a paisagem, afirma que ela deve ser compreendida através da percepção e da construção da memória, destaca ainda que cada aspecto da paisagem tem “vasta associação com uma parte da cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados” (LYNCH, 1997:1)

As ações antrópicas sobre a paisagem evidenciam as transformações exercidas sobre ela, em função das dinâmicas sociais e urbanas pelas quais passam as cidades. Macedo (2015) sintetiza os aspectos relevantes da paisagem, quando afirma que ela pode ser considerada como a expressão morfológica das diferentes formas de ocupação e, portanto, de transformação do ambiente em um determinado tempo.

[f.2] Imagem do bosque dentro do Parque da Matinha.
Fonte: Autor/Richara



[f.2]

Além da Escala: Intervenção no Parque da Matinha

1.2 Metamorfoses dos Parques Urbanos

Compreender quais as transformações que os Parques Urbanos sofreram desde sua origem e suas definições, nortearam a narrativa desse capítulo e serviram de embasamento para dar continuidade a proposta de projeto.

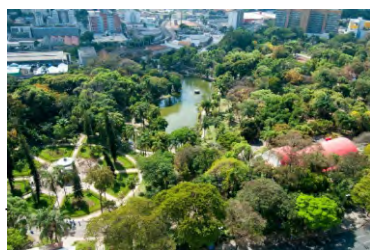
“Todo Parque Urbano é um caso particular e desafia as generalizações e, até mesmo nos grandes parques, encontramos espaços distintos bem diferenciados que recebem influências das diferentes partes da cidade no seu entorno” (JACOBS, 2000).

Os parques urbanos abrangem uma diversidade de usos e de pessoas, são cada vez mais importantes no contexto das cidades atuais, onde a impermeabilidade é predominante. Esses espaços possibilitam uma nova relação do homem com o espaço público por meio do lazer ao ar livre, da integração com os elementos naturais como a vegetação e o curso d'água, realidade próxima do objeto de estudo dessa pesquisa, gerando qualidade urbana e qualidade de vida para os moradores. A consciência por parte da população da dependência e da finitude dos recursos naturais, como a água, por exemplo, é um fator relevante de valorização e envolvimento, no sentido da preservação, conservação ou recuperação, no caso dos cursos d'água e dos mananciais de abastecimento urbano (Gorski, 2010).

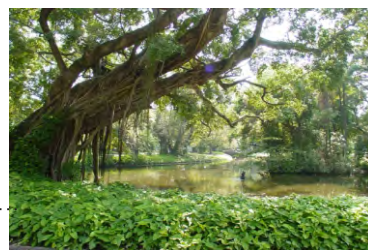
Segundo Macedo e Sakata (2010), os parques urbanos são “todo espaço de uso público destinado à recreação da massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é auto-suficiente”. Deve-se incluir aos parques urbanos a presença da vegetação arbórea, pois a massa vegetal em sua maioria gera efeitos positivos no meio urbano, e é o principal diferencial dos parques.

Destacando a vegetação no meio urbano, Lamas (2010) pondera que “do canteiro à árvore, ao jardim de bairro ou grande parque urbano, as estruturas verdes constituem também elementos identificáveis na estrutura urbana; caracterizam a imagem da cidade; têm a individualidade própria; desempenham funções precisas; são elementos de composição e do desenho urbano; servem para organizar, definir e conter espaços”.

O Parque Urbano torna-se cada vez mais parte integrante da paisagem urbana e do convívio das pessoas, como forma de reafirmar as relações interpessoais e com a natureza, mediante a diversidade de usos e atividades culturais que atendam as necessidades reais da sociedade em desenvolvimento.



Parque Municipal Américo René Giannetti- Belo Horizonte- MG



Campo de Santana- Rio de Janeiro



Parque Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro- RJ.

1875

ECLÉTICO



Elementos como: Lagos, fontes, recantos e vegetação densa.



Gruta do Campo de Santana- Rio de Janeiro

1961

MODERNO



Quadras poliesportivas áreas de convívio.

Produto da cidade industrial, o Parque Urbano firmou-se segundo Macedo (2002) a partir do século XIX, que devido a revolução industrial acarretou um grande crescimento para as cidades atentando para o caráter higienista e sanitarista dos espaços livres, o que representou um forte argumento para implantação dos parques. No Brasil sob influência européia e para complementar o cenário das elites que se instalavam no país, surge o Parque Urbano Brasileiro. Contudo afirma Macedo & Sakata (2002), ao contrário do europeu, o parque urbano brasileiro, não surge da urgência social de atender às necessidades das massas urbanas da metrópole do século XIX.

Novas funções foram introduzidas no parque urbano, de acordo com Macedo (2003) por causa da ocupação mais densa da população nos centros urbanos, dentre elas as esportivas; as de conservação dos recursos naturais e as funções de lazer com a implantação de brinquedos eletrônicos.

A forma, função e a linguagem formal dos parques, vão evidenciar o uso que o parque vai oferecer à população, e ao longo do tempo como afirma Macedo e Sakata (2002, p.61), os programas podem se alterar, sofrendo acréscimos ou subtrações que determinam a revisão do desenho do parque.

Todas essas alterações na morfologia dos parques correspondem as suas metamorfoses, que acompanham seu processo evolutivo ou que perdem ou incorporam elementos de períodos diferentes. Para cada período foi atribuído uma classificação de Parques Urbanos, e as destacadas por Macedo e Sakata (2010), foram as que me apropriei para identificar as características em que cada um deles se enquadra:

Eclético: Influência dos ideais culturais europeus, contavam com elementos românticos, bucólicos, representados nos jardins clássicos e no traçado geometrizado.

Moderno: Abandono das referências do passado, postura nacionalista, valorização da vegetação nativa e inserção de atividades recreativas.

Contemporâneo: Novo posicionamento sobre o ponto de vista ecológico, novos espaços livres e reincorporação de elementos do passado como ideias desconstrutivistas e simbólicas.

1989



Parque das Pedreiras, Curitiba- PR.



Jardim Botânico Curitiba- PR.



Parque La Villet, Paris- França.

CONTEMPORÂNEO



Parque das Pedreiras, Curitiba- PR.



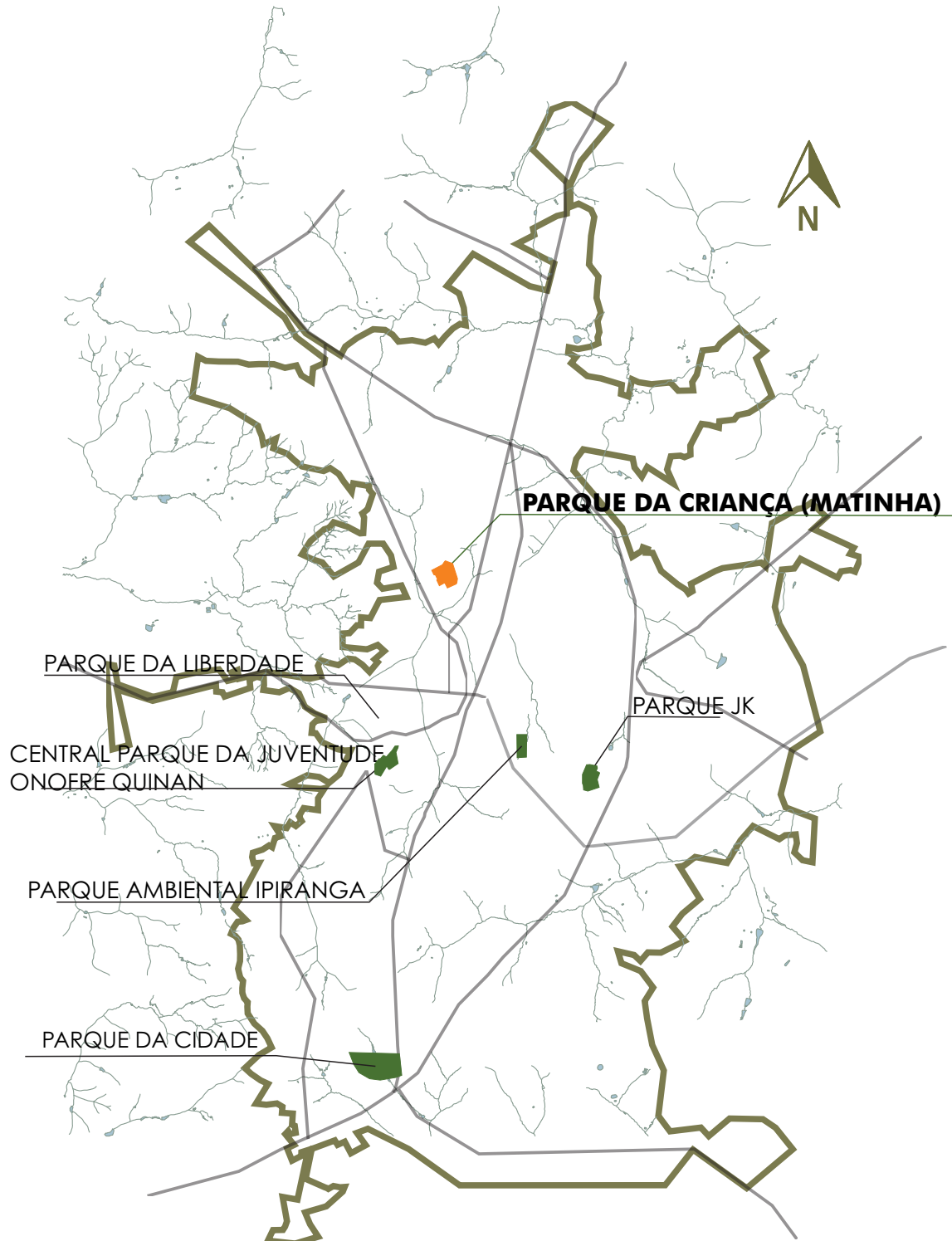
Elemento do passado: fontes



Parque La Villet, Paris- França.

1.3 Parques Urbanos em Anápolis

Parque Antônio Marmo Canedo



[f.2] Lançamento do Parque Ambiental da cidade com o nome Antônio Marmo Canedo em 1973.
Fonte: anapolisnarede.com.br

Em Anápolis a necessidade de se relacionar com os recursos naturais e de ter espaços públicos para lazer e estar foi concretizada com a construção de Parques Urbanos. O Parque Senador Onofre Quinan, localizado no setor Jardim das Nações, com área de mata nativa destinada a preservação e espaços para visitação, o Parque JK, no bairro JK que possui um lago formado pelo represamento do Córrego Água Fria, e os recentes Parque da Liberdade no bairro São José, com extensa área verde e espaços de contemplação, e o Parque da Cidade, às margens da Ferrovia Norte-Sul são os principais parques da cidade.

O Parque Antônio Marmo Canedo é o mais antigo de Anápolis, com área de 121.412,72m², com sítio de preservação de mata nativa por onde passa o Córrego João Cesáreo afluente do Rio da Antas. Teve origem pelo Decreto de Utilidade Pública nº746 em 21 de dezembro de 1971 no governo do prefeito Henrique Santillo, que visava a construção do Parque Municipal de Anápolis.

Em 1973, o local já era chamado pela população de 'Parque da Matinha', mas por decreto municipal recebeu o nome de Antonio Marmo Canedo em homenagem a um cidadão anapolino falecido na época.

No mesmo período foi construído no parque um pequeno zoológico, um lago represado do Córrego João Cesário e dois prédios da administração.

Devido a processos erosivos e por falta de manutenção por parte da Prefeitura, no fim da década de 1970 o lago foi destruído e o zoológico desativado tendo todos seus animais transferidos para o zoológico de Goiânia. Nessa década a área do parque foi reduzida para instalação de uma caixa d'água da Saneago e do Colégio Estadual Polivalente Frei João Batista.

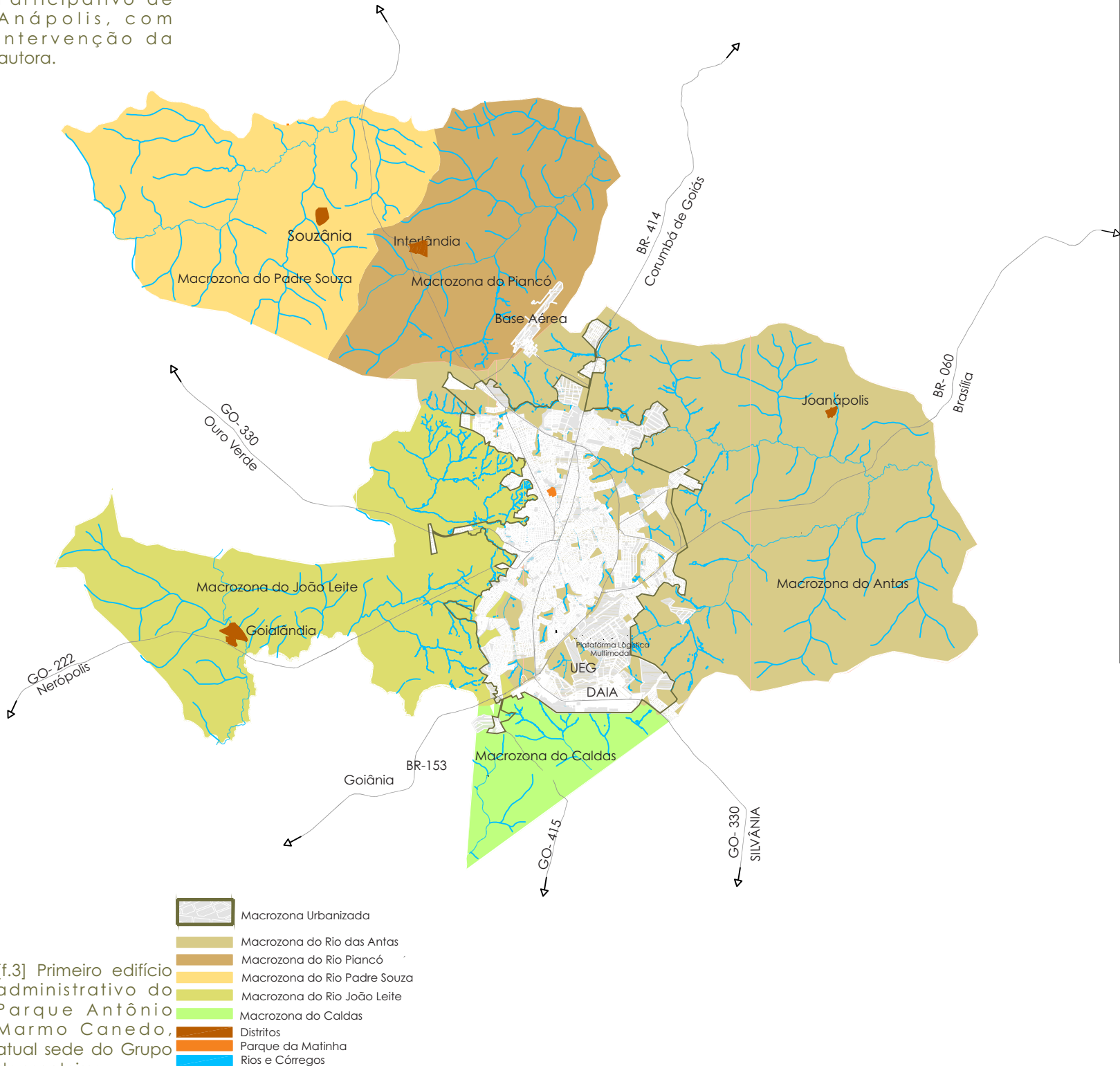
O primeiro edifício que foi sede administrativa, já abrigou também a Secretaria do Meio Ambiente e Cultura e a sede do Grupo dos Escoteiros, uso atual do prédio.

O nome Parque da Criança foi dado em 1987 por decreto municipal depois de uma reforma iniciada em 1983 que implantou no parque o que atualmente ainda consta na área: estacionamento, alambrados, portaria, prédios administrativos, pista de caminhada e calçadas, iluminação interna, campo de futebol, anfiteatro, lanchonete e brinquedos eletrônicos.



1.4 Macrozoneamento e Condicionantes legais.

Mapa de Macrozoneamento do Plano Diretor Participativo de Anápolis, com intervenção da autora.



[f.3] Primeiro edifício administrativo do Parque Antônio Marmo Canedo, atual sede do Grupo de escoteiros.

Fonte: Autor/Richara

[f.4] Brinquedo eletrônico - Carrossel

Fonte: Autor/Richara

As ocupações e apropriações do solo urbano, em geral, geram impactos negativos ao meio ambiente, comprometendo às nascentes e cursos d'água, à vegetação, acumulando resíduos e poluindo o solo e o ar. Preservar essas áreas dentro da massa edificada da cidade é vital para a relação homem-ambiente e para o desenvolvimento sustentável das cidades.

O código Florestal Brasileiro Lei nº 4.771/65, regulamenta as áreas de preservação inseridas no contexto urbano. O Estatuto da Cidade Lei 10.257, que geriu o espaço público como parte do planejamento urbano, apesar de não possuir normativas diretamente ligadas ao campo do direito urbanístico, repercute na proteção do meio ambiente natural.

Como repercussão no âmbito ambiental a Lei 10.257 do Estatuto da Cidade, coloca a garantia do direito a cidades sustentáveis como diretriz primeira da política urbana, o que engloba o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações.

Ficam estabelecidos pelo art 2º do Estatuto da Cidade na linha de preocupação com o desenvolvimento sustentável, algumas diretrizes, na qual se destacam:

A ordenação e o controle do uso do solo direcionados a evitar, entre outros problemas, a utilização inadequada dos imóveis urbanos, a proximidade de usos incompatíveis ou inconvenientes, a deteriorização de áreas urbanizadas e a poluição e a degradação ambiental;

A adoção de padrões de produção e consumo de bens e serviços e de expansão urbana compatíveis com os limites da sustentabilidade ambiental, social e econômica do município e do território sob sua área de influência;

A proteção, preservação e recuperação do meio ambiente natural e construído, do patrimônio cultural, histórico, artístico, paisagístico e arqueológico.

Os direitos e deveres da população estão previstos em lei e servem de respaldo para que possam desfrutar desses recursos e garantir a permanência por meio da conservação e preservação.



[f.4]

Além da Escala: Intervenção no Parque da Matinha



[f.5]

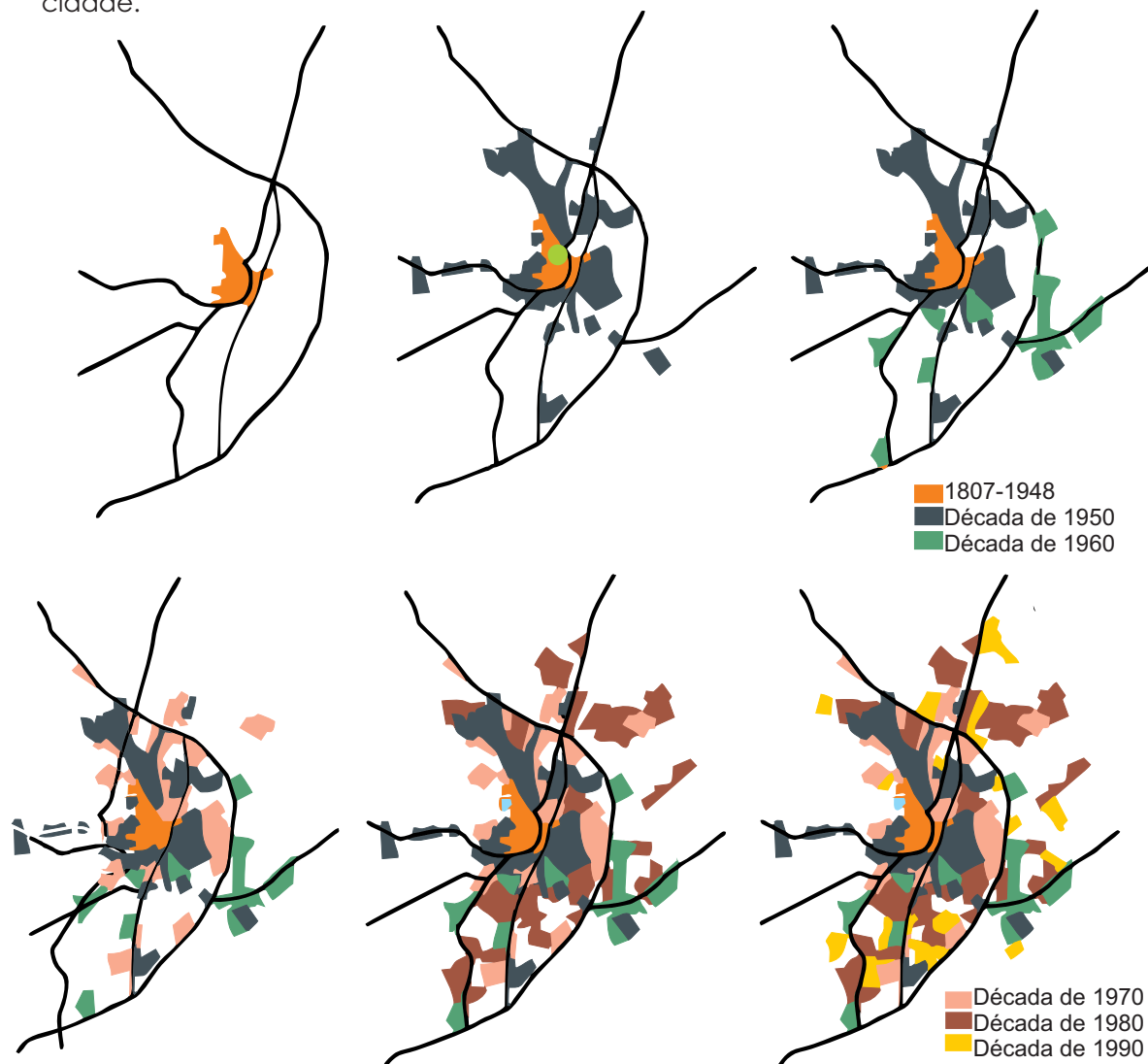
2. Lugar

Evolução Urbana e pontos de relevância do entorno

O Parque Antônio Marmo Canedo (A.M.C) , por décadas matem sua área delimitada no formato de sua concepção, no entanto, o bairro com área original destinado à chácaras, remanescentes do loteamento Maracanã da década de 1950, foi evoluindo e se consolidando com caráter residencial. Os processos de ocupação e especulação imobiliária não respeitaram as áreas limítrofes ao curso do córrego e da mata nativa.

Por sua localização privilegiada, próximo ao centro e a pontos relevantes da cidade o Parque A.M.C [2] deveria exercer uma função mais relevante enquanto espaço público, mas o que se percebe são poucos investimentos por parte do poder público em gerir novos programas e projetos de infra-estrutura que atendam a região e que irradie de forma positiva para a escala da cidade.

' a **MATINHA** precisa ser enxergada como um parque **URBANO**, já que está amarrado à malha urbana central, **POTENCIALIZANDO** esse valor' (Richara, 2016).



Mapa dos bairros vizinhos ao Bairro Maracanã- Plano Diretor 2011 com intervenção da autora.

O Bairro Maracanã é de localização privilegiada, por onde passa a Avenida Presidente Kennedy, que liga o centro a região norte da cidade, um eixo facilitador do acesso ao bairro e ao objeto de estudo.

A expansão e adensamento da região se deu na parte norte e sul com a formação de novos bairros que fazem divisa com o bairro Maracanã e que se estendeu principalmente nas bordas do córrego que corta a região. A ocupação do solo é uma questão que define a conformação do lugar, e a implantação de espaços públicos acabam por estimular a vinda das pessoas para essas regiões, o que resulta em sua maioria num desordenamento e irregularidade das edificações.

A proximidade com os recursos naturais é um potencial do bairro e ao mesmo tempo um agravante para o tratamento das pessoas e a reação delas com esses recursos, e essa é uma questão que será parte da proposta de requalificação, gerar melhorias, resgatar e promover o sentimento de pertencimento e preservação por parte das pessoas.



2.1 Ambiente Construído

Tracado, Hierarquia Viária, Mobilidade e Acessibilidade.



Mapa cidade de Anápolis 2011 - intervenção da autora destacando Hierarquia Viária.

- Via Arterial de 2ª categoria
- Via coletora
- Via local
- Pontos de ônibus

Devido ao desmembramento das chácaras para o loteamento do Bairro Maracanã a configuração do traçado é composto por uma malha regular, característico de um bairro residencial.

A conformação das vias nas proximidades do córrego são questionáveis quanto a legislação para que elas existam, pois acabam sendo resultado das ocupações irregulares em áreas de risco.

O acesso ao bairro e ao parque é facilitado, a maioria das vias são largas algumas como a Avenida Central tem função de coletora, pois é acesso direto ao Parque para quem segue pela Avenida Presidente Kennedy, recebendo todo o fluxo de veículos.

No entorno imediato do Parque A.M.C, ao fundo é onde ocorre um grande conflito de carros e pedestres, devido essa área ser alvo de enchentes e transbordamentos do Córrego João Cesáreo.

A acessibilidade fora e dentro do parque é inexistente, os obstáculos geram transtornos e a travessia no lugar é comprometida. O Transporte público circula com agilidade pelo bairro, no entanto outros modais não transitam com a mesma liberdade e segurança devido a ausência de faixa específica e sinalização adequada, como por exemplo as bicicletas. Outro agravante para os pontos de conflito entre os modais é a falta de sinalização.



[f.6]



[f.10]



[f.7]



[f.11]



[f.8]



[f.12]



[f.9]



[f.13]

[f.6] Rua 14, rua do parque- via coletora.
Fonte: Autor/Richara

[f.7] Avenida Central-
via local.
Fonte: Autor/Richara

[f.8] Avenida
Francisco Fontes- via
coletora.
Fonte: Autor/Richara

[f.9] Avenida
Presidente Kennedy-
via arterial de
2ª categoria.
Fonte: Autor/Richara

[f.10] Avenida Dom
Emanuel - via coletora.
Fonte: Autor/Richara

[f.11] Cruzamento das
Ruas José
Epaminondas e Rua
02- sem sinalização e
limítrofe ao córrego.
Fonte: Autor/Richara

[f.12] Falta de
acessibilidade dentro
Parque- escala em
local impróprio.
Fonte: Autor/Richara

[f.13] Caminhos
descontínuos dentro
do Parque- obstácu-
los na pista de
caminhada.
Fonte: Autor/Richara

2.2 Infra-estrutura, mobiliário urbano e calçamento.



Mapa de área de risco com intervenção da autora.
Fonte: Plano Diretor 2011

- Assoreamento
- Áreas de risco
- Córrego João Cesáreo
- Área sem mobiliário público

A ocupação irregular, o acúmulo de lixo e os aspectos naturais acentuam os riscos de erosão, assoreamento e inundação que ainda causam acidentes no entorno do Parque da Matinha.

A ação antrópica irresponsável e insustentável são atenuantes para que esses problemas persistam, além da falta de infraestrutura urbana e de políticas públicas de preservação dos recursos naturais.

As áreas de riscos estão praticamente todas ocupadas, famílias colocando em risco suas vidas e sem opção de serem amparadas pelo poder público. Em Anápolis o principal problema na infraestrutura é a falta de drenagem urbana.

O entorno do Parque da Matinha é deficiente em mobiliário urbano, lixeiras são inexistentes, os pontos de ônibus são inadequados e a iluminação pública não funciona, o que acaba comprometendo a segurança do bairro.

Dentro do Parque o mobiliário é antiquado e improvisado, alguns dispersos na mata aleatoriamente, sem iluminação e espaços como o anfiteatro (espaço cultural) sem manutenção ou uso.

Os espaços subtilizados acabam marginalizando o lugar, tornam o parque menos atrativo, desmotivam a comunidade local e em consequência não exerce influência positiva para cidade.



[f. 14]



[f. 15]



[f. 16]



[f. 17]



[f. 18]



[f. 19]



[f. 20]

[f. 16] Calçadas irregulares e ocupação em área de risco.
Fonte: Autor/Richara

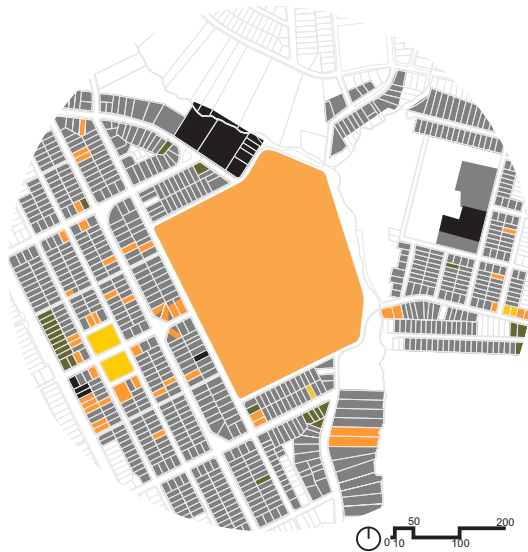
[f. 17] Movimentação de terra para conter assoreamento do córrego João Cesário.
Fonte: anapolisnarede.com.br

[f. 18] Mobiliário improvisado no Parque da Matinha.
Fonte: Autor/Richara

[f. 19] Mobiliário implantado aleatoriamente - sem acessibilidade
Fonte: Autor/Richara

[f. 20] Anfiteatro concebido como espaço cultural- sem manutenção- sem uso.
Fonte: Autor/Richara

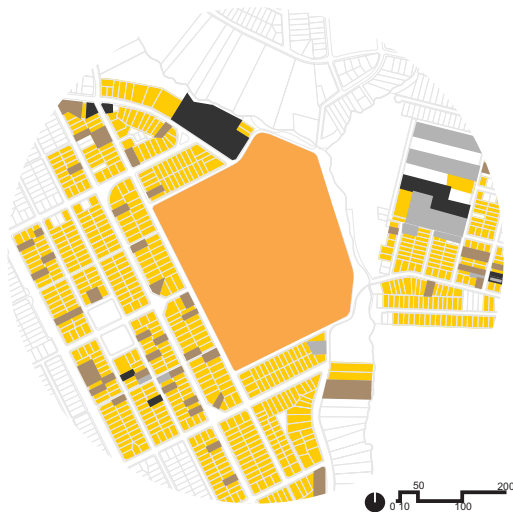
2.3 Uso do solo e Gabarito



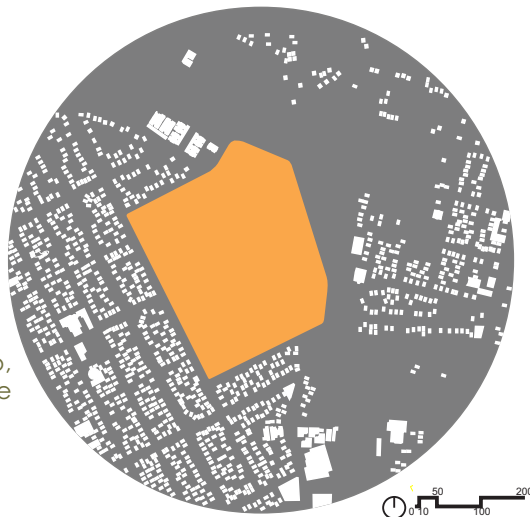
Mapa de gabarito uso do solo e cheios e vazios com intervenção da autora.

Fonte :Palno Diretor 2011

- Multifamiliar
- Comércio
- Institucional
- Uso Misto
- Unifamiliar



- 3 ou mais pavimentos
- 2 pavimentos
- 1 pavimento
- vago



Mapa de gabarito, uso do solo e cheios e vazios.

O uso da área é predominantemente residencial, uma característica marcante do lugar, o que reforça a proposta de requalificar o Parque da Matinha, para as pessoas fazerem dele uma extensão de suas casas.

No gabarito o que domina são as edificações de até dois pavimentos, no entanto o número de edifícios de múltiplos pavimentos vem aumentando, uma maior densidade tem se formado no entorno por meio da verticalização.

A inserção de novos usos para o entorno é uma proposta para dinamizar o bairro e trazer novas atividades para a comunidade e serviços que vão atrair um número maior de pessoas em horários diversos mantendo a área sempre ativa.

Nos vazios urbanos vale repensar a possibilidade de realocar os moradores das áreas de risco, afinal o vínculo com o bairro já foi estabelecido e remanejá-los para as proximidades seria uma solução menos drástica para essas famílias.

Existe potencial para o adensamento do bairro, a região norte ainda tem possibilidade de se expandir e a pulverização de espaços e equipamentos públicos de qualidade podem impulsionar esse crescimento.



[f.21]

Além da Escala: Intervenção no Parque da Matinha



[f.22]



[f.23]



[f.24]



[f.25]



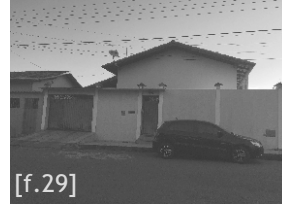
[f.26]



[f.27]



[f.28]



[f.29]

[f.21] Residências em áreas de risco na Rua 12.

Fonte: Autor/Richara

[f.22] Edifício de múltiplos pavimentos na Av. Dom Emanuel.

Fonte: Autor/Richara

[f.23] Edifício de dois pavimentos na Av. Central esquina com Rua 14.

Fonte: Autor/Richara

[f.24] Tipologia residencial predominante- gabarito térreo- Av. Central.

Fonte: Autor/Richara

[f.25] Edifício de dois pavimentos com uso misto- comercial e residencial.

Fonte: Autor/Richara

[f.26] Igreja São Pedro São Paulo na Avenida central.

Fonte: Autor/Richara

[f.27] CAIS da Mulher na Av. Central esquina com Rua Geni Ribeiro.

Fonte: Autor/Richara


[f.28] Salão de eventos Rio Master na Rua 02.

Fonte: Autor/Richara

[f.29] Residência térrea na Rua 14.

Fonte: Autor/Richara





A entrada do Parque é tomada pela feira livre às quartas-feira, os feirantes chegam antes do amanhecer e já começam a montar suas barracas e a armar suas tendas, com alimentos, utensílios e vestuários à venda para população.

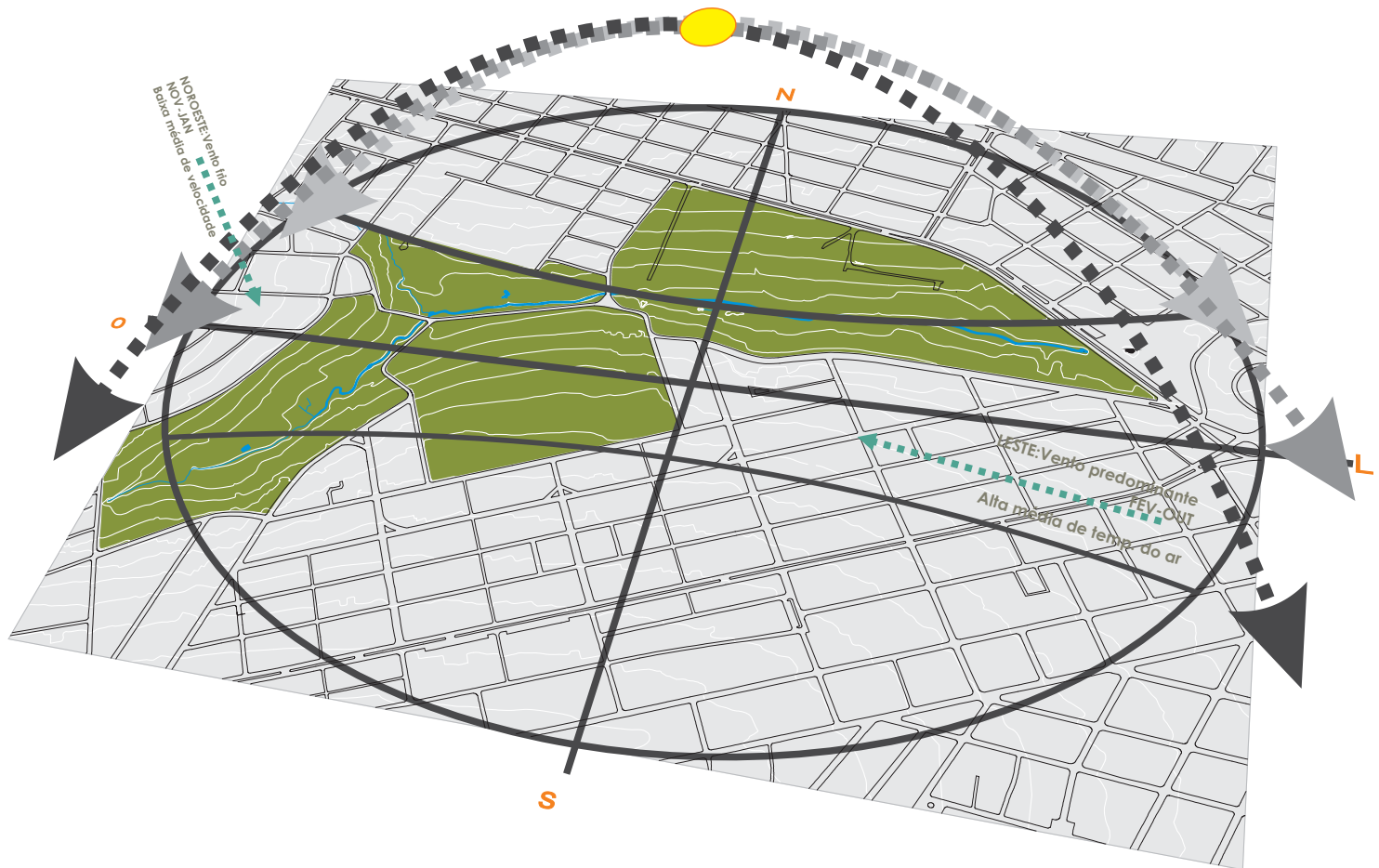
Não existe um espaço para feiras no bairro, conhecido na cidade como 'Feirão', a feira acontece no estacionamento do Parque da Matinha e atrai além da comunidade local, toda a região e bairros vizinhos, ela é o ponto de encontro, de diálogo, de convívio e até de lazer para os moradores.

A apropriação do estacionamento para a feira veio da necessidade e da carência de serviços para o bairro, e até mesmo por essa ser uma tradição na cidade. A ruptura com a tradição local poderia comprometer o resultado do projeto, por isso a realidade e os costumes locais foram vivenciados e se tornaram parte do processo de requalificação visando atender as expectativas da população no exercício projetual.



2.4 Ambiente Natural

Insolação, ventos dominantes, hidrografia e vegetação.



Mapa com intervenção da autora.
Fonte: Plano Diretor 2011

A localização em que o Parque está na cidade já incide muita luz solar, no entanto, a vegetação densa dentro do parque em alguns horários do dia não permite a penetração dessa luz, o que torna o caminhar um percurso escuro. A abertura de clareiras valorizaria esse passeio e contribuiria para a fisiologia natural das plantas.

Devido aos fenômenos naturais que ocorrem durante as estações do ano, não se pode alcançar uma solução bioclimática total, o que deve ser feito é a partir dessa análise implantar os equipamentos e mobiliários do parque de forma que favoreçam a permanência prolongada do usuário.

O terreno possui uma topografia acentuada com característica de fundo de vale já que em meio a área passa o córrego João Cesáreo.

A maquete de estudo facilitou a compreensão do desnível e da potencialidade que ela pode representar se aproveitada e adequada a proposta de requalificação.

A percepção dos ventos dominantes foi um processo de diálogo com os moradores, um de cada extremidade do parque e a percepção deles foi coerente com a direção que os ventos 'sopram'.

O Parque da Matinha está numa área de relevância hidrográfica, na Macrozona do Rio das Antas por onde passa o Córrego João Cesáreo e assim como em outras regiões as ocupações irregulares tem comprometido nascentes e cursos d'água.

A vegetação do Parque é densa e remanescente da mata nativa cerrado, uma área de preservação que pode fazer parte do processo de conscientização da população e da importância de manter essa 'floresta' viva em meio ao tecido urbano.

A arborização do entorno é escassa, no entanto do outro lado do córrego ainda é presente uma massa de vegetação que deve ser integrada à do Parque, para que haja uma conexão das áreas verdes e que a mata ciliar seja recuperada.

[f.30] Foto do Parque da Matinha com brinquedo eletromecânico.
Fonte: Autor/Richara.



2.5 Parque Antônio Marmo Canedo Parque da Matinha



[f.31]



[f.35]



[f.32]



[f.36]

[f.31] Entrada do Parque da Matinha e estacionamento.
Fonte: Autor/Richara

[f.32] Anfiteatro no meio do bosque.
Fonte: Autor/Richara

[f.33] Área de recreação e lanchonete desativada.
Fonte: Autor/Richara

[f.34] Brinquedo Eletromecânico.
Fonte: Autor/Richara



[f.33]



[f.37]

[f.35] Play Ground.
Fonte: Autor/Richara

[f.36] Quadra Polidesportivo
Fonte: Autor/Richara

[f.37] Play Ground
Fonte: Autor/Richara

[f.38] Brinquedos Eletromecânicos.
Fonte: Autor/Richara



[f.34]



[f.38]



3. Projeto Problematização



[f.39] Samara 16 anos, moradora da Rua 12 e ex-aluna da Escola Municipal que fica no Parque.

Fonte: Autor/Richarda

[f.40] Foto atual (2017) do Carrossel no Parque da Matinha.

Fonte: Autor/Richarda

[f.39]

A estratégia projetual para desenvolvimento da proposta de intervenção no Parque da Matinha e seu entorno, considerou as relações interpessoais e a conexão dos moradores com o parque, seus desejos e o entendimento do lugar.

Em busca de levantar e diagnosticar as potencialidades e fragilidades do lugar, entrevistas e uma atividade foi aplicada com moradores do entorno e usuários do parque. Foram expostas fotografias da realidade atual do lugar, onde cada entrevistado expressou suas opiniões, lembranças e resgataram algumas memórias dos locais.


Expositores e usuários da feira livre, crianças que frequentavam a escola (atualmente abandonada) e moradores das proximidades, me serviram de estímulo e inspiração para soluções de projeto, no entanto, cabe ressaltar a falta de referência de bons projetos de espaços públicos, visto que em muitos momentos os feirantes consideravam o estacionamento do parque (atual local da feira) como um espaço ideal para ela acontecer.

~~Não feche
o parque~~

Ué não pede
meu fechar o
parque porque
crianças tem direito
de brincar

achamos ruim
que fechou o
parque, a
crianças ficar
disperso

Ok que vai
Brisa perigoso


Cunha Galvães



[f.41]

[f.41] Foto atual (2017) da Escola Municipal (Centro de Integração).
Fonte: Autor/Richara



[f.42]

[f.42] Fachada das residências da rua 12, com calçada danificada pela enxurrada.
Fonte: Autor/Richara

[f.43] Foto da Feira Livre que acontece no estacionamento do Parque da Matinha.
Autor/Richara



espaço específico
pra feira.

Melhorar
Vinho.
Cerveja.

Melhora o parque
para que a população
possa voltar
a frequentar.

PONTOS DE CONFLITO:

1- Rua marginalizada por ponto de venda de drogas.

2- Conflito entre veículos e pedestres; local de feira livre e estacionamento.

3- Conflito entre veículos e pedestres; falta de sinalização.

4- Ocupação irregular em área de risco de erosão.

5- Ponto de erosão e mata ciliar comprometida.

6- Conflito entre veículos e pedestres; pontos de inundação.

7- Conflito entre veículos.



A maquete física do objeto de estudo, foi desenvolvida como parte do processo de projeto para facilitar a percepção da topografia, hidrografia, acessos e massa de vegetação, aliada às pesquisas de campo e ao convívio mais próximo com o lugar.

A metodologia utilizada para o levantamento das informações do Parque da Matinha, permitiu uma análise dos aspectos relevantes que compõem a área, resultando no diagnóstico que ressalta as potencialidades e fragilidades do lugar, considerando o contexto em que o parque está inserido e extraíndo ferramentas para elaboração de um projeto pertinente que alcance a escala do bairro e da cidade.

A área é margeada pelo Córrego João Cesáreo, e as ocupações próxima ao córrego nem sempre respeitam os afastamentos, e acabam ocasionando problemas ambientais, sendo alvo de enchentes e inundações.

A partir da análise intra e extra parque, pontos de conflito foram demarcados e diagnosticados para a elaboração de diretrizes, como a necessidade de integrar as duas regiões que estão 'separadas' pelo córrego, consolidando a região menos adensada por essa integração ou pelo remanejamento das famílias que estão em ocupações irregulares, estabelecendo novas dinâmicas sociais e culturais para a população.

- Hidrografia ■
- Principais acessos ■
- Principais avenidas ■
- Principal caminho percorrido pelo pedestre ■
- Pontos de Conflito ■
- Demarcação da área residencial ■
- Pontos de conflito dentro do parque ●
- Escolas ●
- Igrejas ●
- Posto de Saúde e CAIS Mulher ●



[f.45]



[f.46]



[f.47]



[f.48]

[f.44] Área de estudo e entorno imediato em maquete física destacando os principais pontos de conflito da região.

[f.45] Área de estudo e entorno imediato em maquete física destacando as massas de vegetação.

[f.46] Trecho da maquete física destacando as massas de vegetação e o córrego João Cesáreo.

[f.47] Área de estudo e entorno imediato em maquete física destacando as possíveis conexões com áreas externas ao limite do parque.

[f.48] Trecho da maquete destacando a vegetação.

[f.49] Foto Inserção do novo anfiteatro do Parque.
Fonte: Autor/Richara

3.1 Diagnóstico

Potencialidades, Fragilidades e Diretrizes

POTENCIALIDADES

Bairro

- ✓ Localização Privilegiada;
- ✓ Acesso ao bairro facilitado tanto para o transporte coletivo, quanto para carros e pedestres;
- ✓ Possibilidade de adensamento
- ✓ Bairro atendido por Posto de Saúde e Hospital da Mulher;
- ✓ Vias de acesso com dimensões que viabilizam a inserção de modais de locomoção como a bicicleta por meio de ciclovias e ciclofaixas;

✗ Pouca diversidade de uso, com vocação predominante residencial;

✗ Acúmulo de lixo nas encostas do córrego;

✗ Ocupações em áreas de risco próximos ao córrego, com risco de deslizamentos e erosões;

✗ Apropriação inadequada nas áreas de nascentes;

✗ Falta de sinalização e redutores de velocidade, principalmente em volta do parque, gerando conflitos entre carros e pedestres;

✗ Calçadas desniveladas, com obstáculos e em péssimo estado de conservação;

✗ Ausência e pouca infra estrutura urbana, com destaque para as margens do córrego.

✗ Escassez de equipamentos públicos e mobiliário urbano de qualidade.

FRAGILIDADES

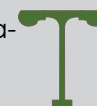
Parque

- ✓ Localização Privilegiada;
- ✓ Vegetação remanescente do cerrado, com capacidade de extensão da área verde do parque;
- ✓ Área do Parque, com espaços internos que podem ser explorados para valorização do espaço público.
- ✓ Edifícios que podem assumir um papel importante, enquanto um espaço para exposições e atividades para a comunidade, com cunho social e cultural;
- ✓ Escolas inseridas na área do parque que podem ser integradas à ele como espaço recreativo para os alunos;
- ✓ Topografia acentuada que pode proporcionar espaços de contemplação no caminhar pelo parque;
- ✓ Proximidade com elementos naturais como o Córrego João Cesáreo, que permite a elaboração de programas de conscientização e preservação desses recursos envolvendo toda comunidade.
- ✗ Falta de manutenção dos brinquedos eletrônicos;
- ✗ Espaços subutilizados em meio a mata nativa do parque;
- ✗ Ausência de iluminação noturna, marginalizando e comprometendo a segurança do parque e inviabilizando o uso noturno.
- ✗ Edifícios abandonados e em condições precárias;
- ✗ Vias de acesso com dimensões que viabilizam a inserção de modais de locomoção como a bicicleta por meio de ciclovias e ciclofaixas;



Distribuir em toda extensão da área ampliada e no bairro equipamentos e atividades que gerem novos usos e mantenha o entorno ativo e com usuários em horários alternados;

Melhoria e manutenção da iluminação pública;



Recuperar a mata ciliar, incentivando o poder público a investir em infra estrutura para às margens do córrego;

Programas de incentivo a conscientização da preservação e manutenção das áreas verdes, das margens do córrego e de todos o parque;



Conservação das nascentes;

Coleta seletiva do lixo e gestão de resíduos sólidos



Facilitar os acessos ao parque pelos modais de locomoção;

Inserção de novos modais de locomoção, incentivando o passeio do ciclista e o caminho do pedestre;



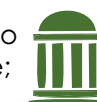
Intensificar a arborização no bairro e nas principais vias de acesso ao parque;

Promover a acessibilidade em toda extensão do parque e nos equipamentos e mobiliários;



Mobiliários em pontos estratégicos;

Preservação e manutenção do patrimônio edificado dentro do parque;



O Parque da Matinha possui uma característica de usuário abrangente em relação a faixa etária. Essa variação se dá pelas atividades exercidas dentro do parque e pela a apropriação dos usuários de seu entorno.

As crianças motivadas pelos brinquedos eletrônicos acabam levando seus pais; os jovens se reúnem para a prática de esporte nas quadras poliesportivas e os adultos se exercitam na caminhada pela mata do parque, enquanto o grupo de escoteiros ficam reunidos em sua sede.

A vizinhança pouco se sente atraída em frequentar o parque, devido a falta de segurança que a ausência de infra estrutura causa. No entanto se apropriaram do estacionamento do parque para realização de feiras livres, o que acaba se tornando um ponto de encontro semanal para adultos e esporadicamente idosos.

O programa do parque está engajado em requalificar o espaço público, conectando-o com seu entorno, envolvendo os recursos naturais com as atividades oferecidas gerando nos usuários e transeuntes uma consciência de preservação e recuperação ambiental vislumbrada em toda a extensão do parque.

Os espaços abertos permitirão um estar, caminhar, transitar e permanecer sensível, estimulado pela paisagem e pelo sentimento de pertencimento que o espaço público de qualidade gera nas pessoas.

O patrimônio edificado receberá uso coerente para atender as necessidades dos usuários e será parte integrante do projeto de requalificação.

Nascentes comprometidas devido a falta de preservação.

Ocupação irregular em áreas de risco de deslizamentos.

Calçadas irregulares. Falta de acessibilidade e obstáculos.

Ausência de iluminação e falta de manutenção nos postes públicos. Comprometimento da segurança do Parque.

Falta de manutenção nos brinquedos eletromecânicos. Risco de acidentes com os usuários.

Pontos de erosão às margens do córrego. Apropriação indevida das áreas de preservação. Zonas de Alagamento

Desmatamento da vegetação remanescente.

Ausência de sinalização para os usuários. Ponto de conflito entre modais de locomoção.

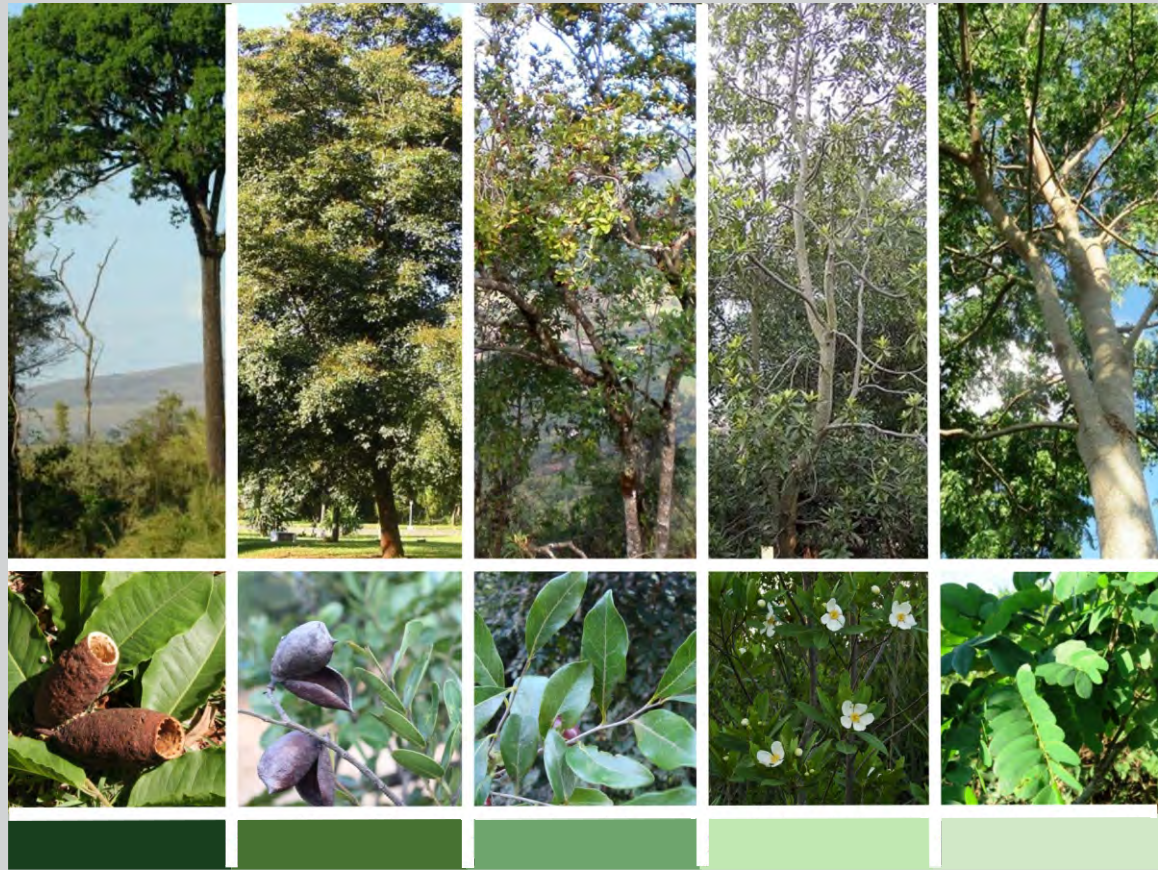




Além da Escala: Intervenção no Parque da Matinha

Diversidade ecológica do Parque da Matinha, que representa cerca de 70% de uma área de mata nativa do cerrado destinada à preservação.

Vegetação existente e vegetação do replantio em áreas que foram desmatadas e em pontos que necessitam de áreas verdes.



Nome científico:
Cariniana Estrellensis
Nomes populares:
Jequitibá, Bingueiro
Altura: 35 - 45 m

Nome científico:
Gordonia Fruticosa
Nomes populares:
Peroba-d'água, Santa Rita
Altura: 10 - 20m
Tronco: 30 - 50m

Nome científico:
Copaifera Tangsdorff
Nomes populares:
Copaiba, Pau-de-óleo
Altura: 10 - 15m

Nome científico:
Piptadenia Paniculata
Nomes populares:
Angico, Unha de gato.
Altura: 8 - 20m

Nome científico:
Diospyros Inoconstans
Nomes populares:
Maria Preta
Altura: 6 - 9m





Nome científico:
Tibouchina Granulosa
Nomes populares:
Quaresmeira
Altura: 7 - 30m

Nome científico:
Handroanthus Cristatus
Nomes populares:
Ipê amarelo
Altura: 15 - 35m

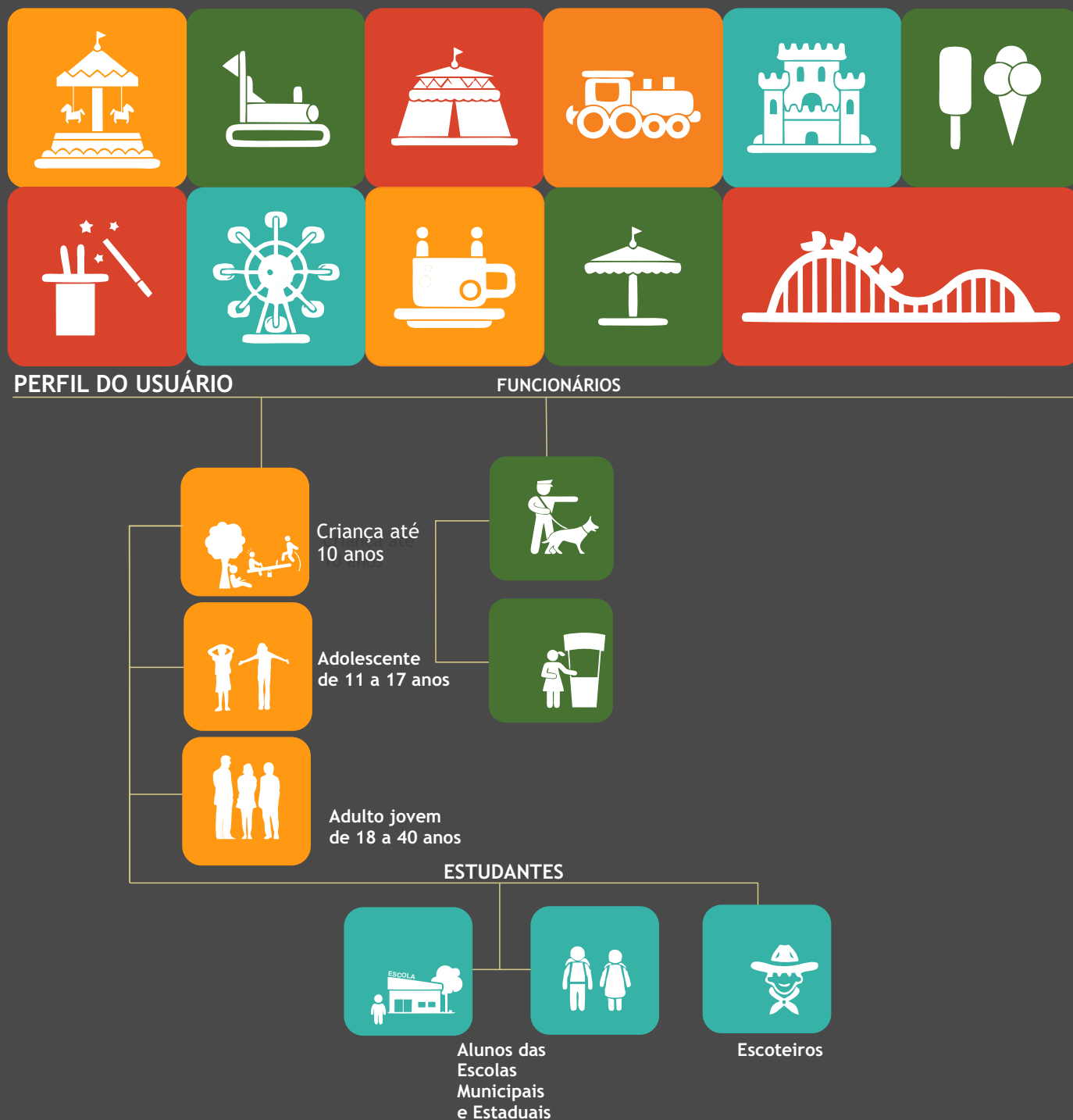
Nome científico:
Schizolobium Parahyba
Nomes populares:
Ficheira, Tenta
Altura: 20 - 30m
Tronco: 60 - 80 cm

Nome científico:
Hymenaea Martiana
Nomes populares:
Jatobá, Jataí
Altura: 8 - 18 m
Tronco: 40 - 90 cm

Nome científico:
Scheffera Morotoni
Nomes populares:
Mandiocão
Altura: 7 - 30m



3.2 Perfil do Usuário.



NOTAS:
 [3] . ALEX, Sun. Projeto da Praça – Convívio e Exclusão no Espaço Público. São Paulo, SENAC, 2008.

‘Com a **apropriação** os usuários tomam **posse** do lugar,

3.3 Síntese do Programa



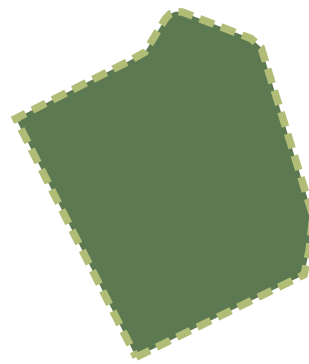
simbolicamente ou de fato' (ALEX, 2001)

3.4 Elementos estruturadores do Projeto

BARREIRAS EXISTENTES



Traçado

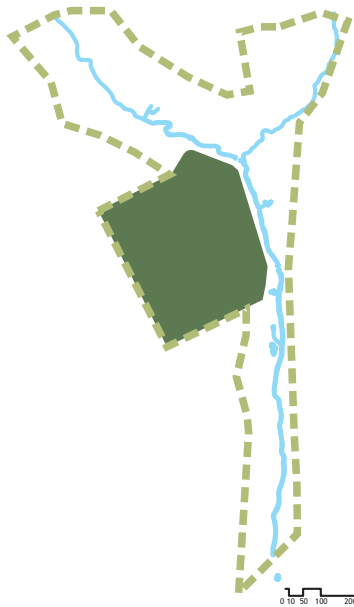


Perímetro do Parque



Córrego

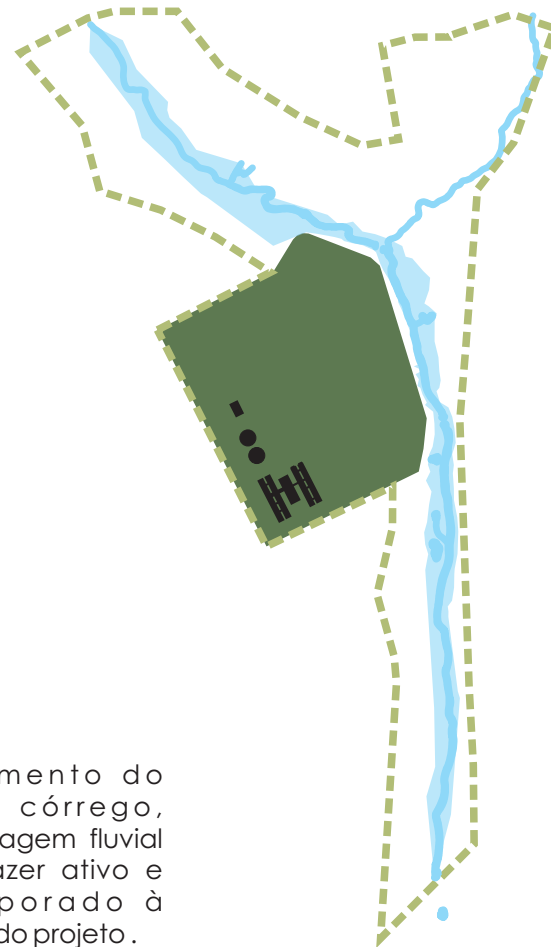
CONECTIVIDADE



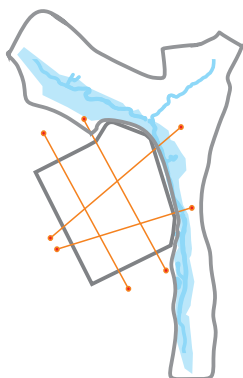
Aumento do perímetro do Parque, englobando o córrego, a vegetação remanescente e o Centro Poliesportivo.



Redimensionamento do canal/leito do córrego, valorizando a paisagem fluvial como área de lazer ativo e passivo incorporado à dimensão estética do projeto.

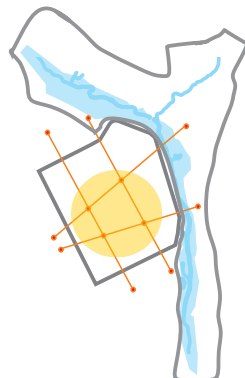


CONEXÃO



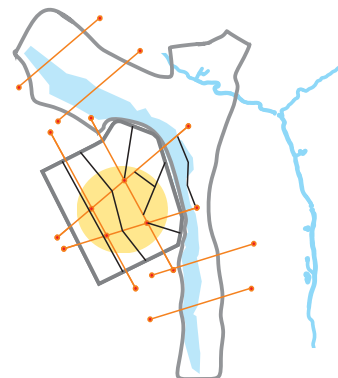
Conectar toda a nova área do Parque, se contrapondo ao conceito de barreira física do lugar, evidenciando o espaço público e resgatando a relação homem-natureza.

INTEGRAÇÃO



Integrar todas as atividades e usos do Parque, atraindo o usuário a permanecer nos espaços, equipamentos e mobiliários do Parque.

PERMEABILIDADE



Caminhos gerados a partir das diagonais do Parque, e percorrendo sua extensão como um destino inevitável de cultura e lazer.

FAIXAS PROGRAMÁTICAS



ESPORTE,
LAZER E
EDUCAÇÃO



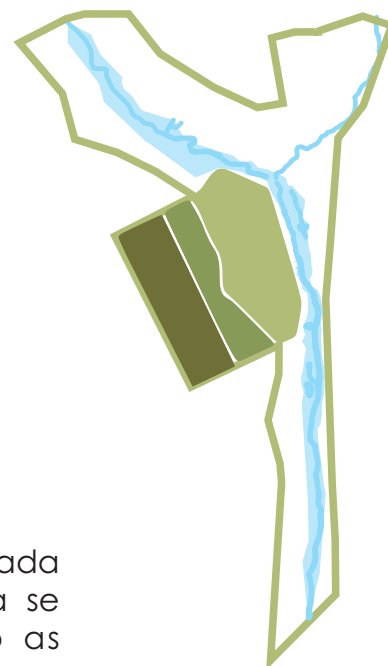
CULTURA,
ESTAR E
DESCANSO



EDUCAÇÃO AMBIENTAL
ECOMTEMPLAÇÃO



Dentro da área consolidada do Parque, o programa se estruturou respeitando as apropriações do espaço e explorando o potencial do lugar.







Além da Escala: Intervenção no Parque da Matinha

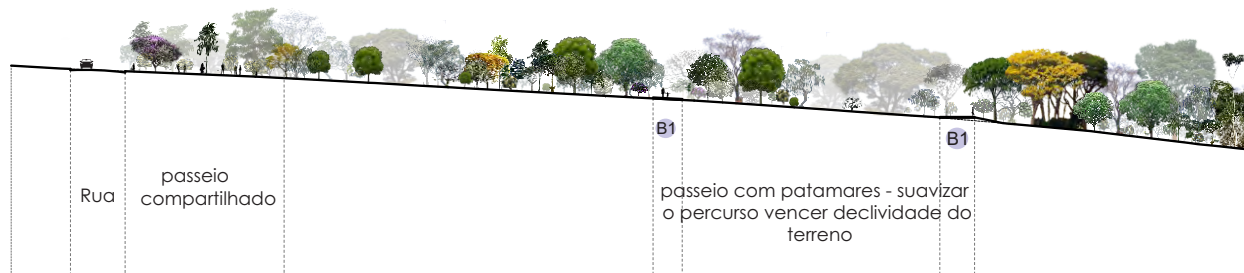
3.5 Cortes e Implantação Geral



Corte AA



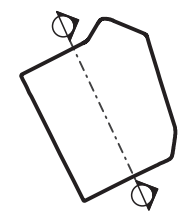
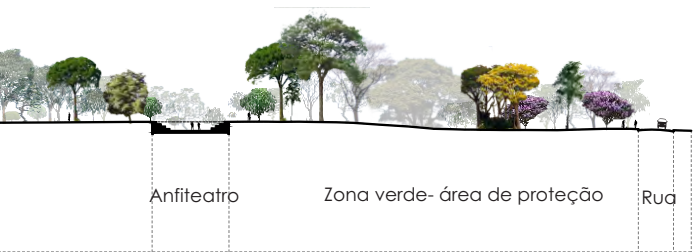
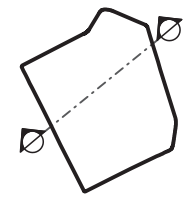
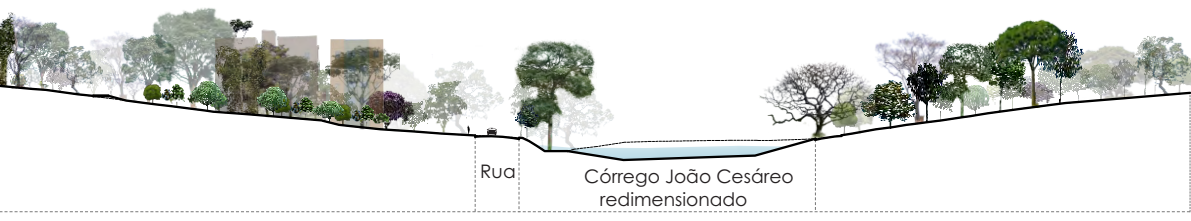
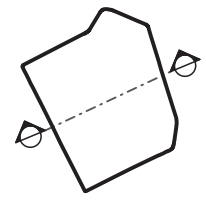
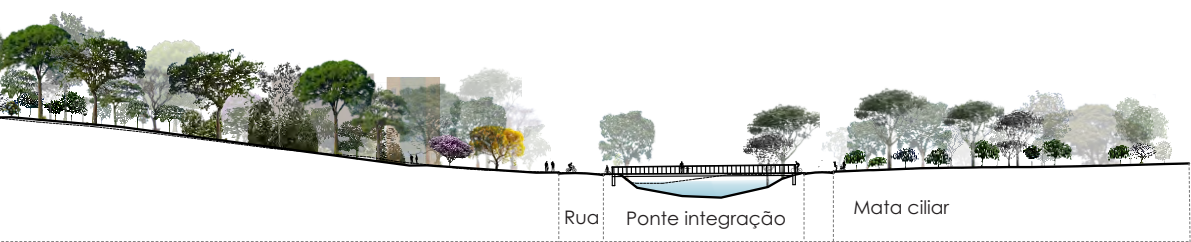
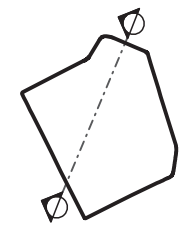
Corte BB



Corte CC



Corte DD



CORTES

IMPLANTAÇÃO

- 1 ANFITEATRO
- 2 COL. EST. POLIVALENTE
- 3 ESTAÇÃO SANEAGO
- 4 ESPAÇO DE FEIRAS
- 5 QUADRA POLIESPORTIVA
- 6 ESCOLA MUNICIPAL
- 7 ADMINISTRAÇÃO
- 8 ESTACIONAMENTO
- 9 DECK
- 10 NOVA VIA
- 11 PAVILHÃO DA ÁGUA
- 12 DECK ELEVADO DE CONTEMPLAÇÃO
- 13 PLAYGROUND
- 14 BRINQUEDO ELETROMECÂNICO
- 15 QUIOSQUES
- 16 PASSARELA/PONTE





Além da Escala: Intervenção no Parque da Matinha

3.6 Aproximações Projetuais

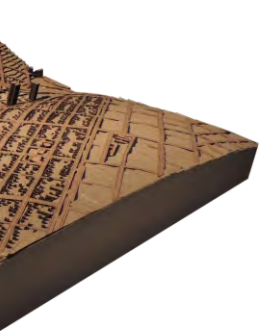




Além da Escala: Intervenção no Parque da Matinha

3.7 Maquete física









[f.51]

[f.50] Foto inserção
da proposta de
caminho interno do
Parque.
Fonte: Autor/Richara



[f.51 - 52] Perspectiva
Eletrônica do Mirante
dentro do Parque.
Fonte: Autor/Richara

4. Referências Bibliográficas

- ALEX, Sun. Projeto da Praça – Convívio e Exclusão no Espaço Público. São Paulo, SENAC, 2008.
- ANÁPOLIS, Prefeitura Municipal. Plano Diretor Participativo. Anápolis: 2006
- ARAÚJO, Suely M. V. Guimarães. O Estatuto da Cidade e a Questão Ambiental. Disponível em <http://www.ambiente.sp.gov.br/wp-content/uploads/cea/estatuto_cidade.pdf> Acessado em 28 de Abril de 2016.
- BRASIL. Constituição Federal, de 5 de Outubro de 1988.
- BRASIL. Lei 10.257 de 10 de Julho de 2001. Estatuto da Cidade.
- BRASIL, Lei n.12651, de 25 de Maio de 2012.
- CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2010.
- GEHL, Jan. Cidade Para Pessoas. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GORSKI, Maria C. Barbieri. Rios e Cidades: ruptura e reconciliação. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.
- JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- LAMAS, José M. R. Garcia. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. 5. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- MACEDO, Silvio S.; O paisagismo moderno brasileiro além de Burle Marx. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/deprojeto/gdpa/paisagens/artigos/2003SilvioM-Burle.pdf>> Acessado em 02 de Maio de 2016.
- MACEDO, Silvio Soares e SAKATA, Francine Gramacho. Parques Urbanos no Brasil. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- MACEDO, Silvio Soares. Quadro do Paisagismo no Brasil. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

